



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

MOSAICO VIVO COLETIVO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PLANEJAMENTO VISUAL E PROJETO EXPERIMENTAL, ATRAVÉS DA VIVÊNCIA E CRIAÇÃO DE ARTE TRANSITÓRIA EM TERRITÓRIO

Fabio Camargo Vasques¹
SENAC

Este texto busca discorrer o relato de experiência de uma determinada atividade realizada pelo professor em 2024 na ETEC Jornalista Roberto Marinho, em São Paulo, quando ministrava a disciplina PVPE (Planejamento visual e projeto experimental), no curso ensino médio técnico de design gráfico, com o objetivo de introduzir os alunos à educação artística através da experiência em processos e procedimentos explorando os campos das artes visuais como desenho, pintura e escultura, entre outros temas como a confecção e utilização de materiais, tais como lápis, pincéis, papéis, gizes, tintas e outros componentes de maneira acessível e popular.

A proposta consistia na construção de um mosaico coletivo na calçada da entrada da Escola onde existe uma grande circulação diária e consequentemente todos teriam de ultrapassar a obra viva. O projeto foi realizado com gizes de lousa coloridos, adquiridos pelo professor e disponibilizados para todos. O percurso ocorreu em três momentos delimitados em: orientação do conteúdo, planejamento visual e aplicação do projeto.

A introdução partiu do trabalho de Donis A. Dondis em "Síntaxe da linguagem visual" (1997), em que tratou dos elementos básicos da comunicação visual fundamentais como ponto, linha e plano, aos quais posteriormente levarão os alunos à construção dos azulejos com as formas primárias: "A linha descreve uma forma. [...] Existem três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero." (DONDIS, 1997. Pg 57). Deste modo, os estudantes realizaram o exercício de "captação de forma", buscando sintetizar a imagem que percebiam através destas formas, fluindo ao que a letra da música "Aquarela" de Toquinho (1983) sugere como brincadeiras em linhas, formas e cores: "Giro um simples compasso/ E num círculo eu faço o mundo" (MORAES; TOQUINHO, 1983).

¹ Fabio Vasques é graduado em Jogos Digitais pela FATEC e MESTRE em Artes pela UNESP. O professor ministrou aulas de arte, design e tecnologia em instituições como ETEC, FATEC, SESC, SENAC, e já palestrou em tantas outras como UNICAMP, MACKENZIE e FATEC. Hoje segue como professor do curso técnico de jogos digitais no SENAC LAPA TITO no campo das artes visuais, arte digital e design de games. fabio.vasques.prof@gmail.com • <http://lattes.cnpq.br/1904627823457213>

Em seguida, com o propósito de cada aluno construir seu azulejo para um mosaico vivo, utilizaram as experiências promovidas anteriormente para subverter o sentido estrito da imagem e permitir-se navegar através do movimento. Assim, foram orientados a criar ladrilhos abstratos, fugindo de ritmo, harmonia, equilíbrio, regularidade, ordem, direção ou simetria, extraíndo um planejamento expressivo através do contraste entre formas, cores, linhas e pontos.

Partindo disso, os alunos desenharam em folhas de papel com lápis, compartilhando suas ideias com colegas e professor, discutindo sobre caminhos para seguir, lembrado-se sempre de evitar o óbvio para não reproduzir objetos, seres ou elementos facilmente reconhecíveis. Este foi um momento especial de trocas entre todos, colhendo sugestões e retornando a experimentar misturas de cores, de formas irregulares, sobreposição de elementos sem pressa de atingir um “resultado”...



Figura 1 – Ensaio para Mosaico vivo coletivo

Fonte: O autor fotografando com telefone celular na ETEC JRM em 2024 o processo de desenho.

Este período durou aproximadamente sessenta minutos e após os estudantes estarem satisfeitos com seus desenhos, foram levados para frente da escola, onde a calçada foi demarcada em espaços de aproximadamente 2m² com um barbante e riscados com um giz de

lousa verde, destacando-se do fundo que o cimento do chão exibe como pode-se constatar na imagem acima, registrada no meio do processo. No mesmo registro é capaz de observar os estudantes com seus projetos nos papéis, ensaiando seus primeiros riscos no chão e o processo cuidadoso de construção dos azulejos...

Conforme o dia foi passando, foram se delineando os espaços de cada projeto, experimentando os lugares, as orientação do desenho, as ligações com os azulejos adjacentes, combinações de cores no papel e no chão de outra, texturas facilmente expressas no papel mas cansativas em uma "tela" maior, as manchas deixadas pelos gizes, o compartilhamento dos pedaços de gizes que não eram suficientes para todos e tinham de ser partidos e partilhados para atender todos, e outras tantas percepções que só foram possíveis dada a concretização do desenho coletivo como pode-se ver na próxima imagem.



Figura 2 – Mosaico vivo coletivo em construção

Fonte: O autor fotografando com telefone celular na ETEC JRM em 2024 a vivência em coletivo.

Ao decorrer do processo, os alunos foram lidando com a realidade do outro e a perspectiva freiriana deu-se muito presente através dos dizeres presentes na obra "A pedagogia da autonomia" onde Freire de maneira mais objetiva compõe:

"Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto." (FREIRE, 2014. Pg 41).

Através desse pensamento, constrói-se a identidade que o indivíduo tem sobre o meio, compreendendo que sua expressão artística, o faz criador do espaço, e não somente usuário, assim, a escola não é para o aluno, mas sim, do aluno, colocando-o em um lugar de cuidado e atenção sobre o lugar que não mais, apenas, frequenta. Habita. Formando o coletivo em ressonância com o humilde eu que há em todos, atravessando o caminho de cada qual.

Na figura adiante, outro registro foi feito no segundo andar, possibilitando uma visão que perdurou por dias, até que o tempo, as pessoas, a chuva, os carros passassem e enfim, o mesmo lugar que foi habitado pelos sonhos dos estudantes, pudesse ser habitado novamente por qualquer outro desejo...

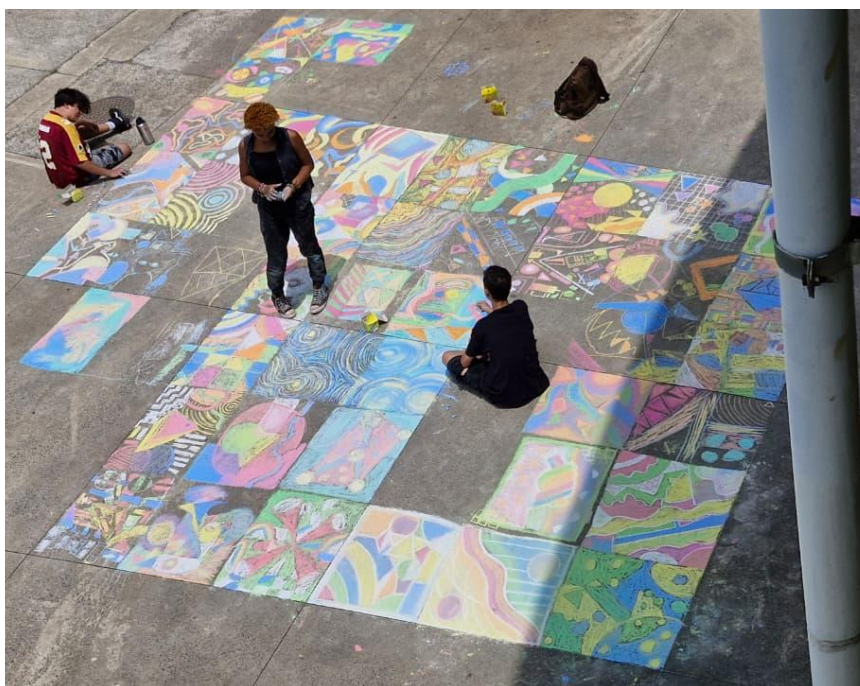


Figura 3 – Mosaico vivo em vida

Fonte: O autor fotografando com telefone celular na ETEC JRM em 2024 o meio fim que se deu.

Essa iniciativa preconizou uma cultura aos alunos que pertencer, é fazer do lugar, seu, cuidando-o e modificando-o a sua necessidade, assim, tendo uma repercussão duradoura que permeia até os dias de hoje, exibindo lembranças de um lugar que puderam chamar de seus. Minha, nossa, sua e tua, escola.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

REFERÊNCIAS

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 49. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2014a.

MORAES, Vinicius de; TOQUINHO. Aquarela. In: Aquarela. [S.l.]: Ariola, 1983. 1 CD. Faixa 1.